

TERCEIRA PARTE
RESUMO DE DISSERTAÇÃO

O MOVIMENTO ECOLOGISTA NO RIO GRANDE
DO SUL - UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-
SOCIAL DE SUA TRAJETÓRIA NO PERÍODO
1970-1995 ¹

*Fernando Oliveira Noal*²

Resumo

Esta dissertação de mestrado constituiu-se em uma investigação histórica sobre o movimento social denominado movimento ecológico, ecologista ou, ainda, ambientalista. Com este estudo, procurou-se delimitar as origens deste movimento, primeiramente numa escala internacional e depois nacional e, a partir desta delimitação, identificar os aspectos que influenciaram as articulações dos grupos que passaram a atuar de forma organizada no Estado do Rio Grande do Sul a partir do início da década de 70 e que foram precursoras de outras iniciativas deste porte no resto do país. Os desdobramentos destas iniciativas, organizadas na forma de movimento social, no decorrer das últimas três décadas, permitiram várias constatações sobre a atuação, a influência e os benefícios derivados das iniciativas de pessoas e entidades que tornaram o Estado do Rio Grande do Sul uma referência nacional, e mesmo internacional, pelo pioneirismo em relação às preocupações ambientais e às atitudes relacionadas à construção da cidadania.

Abstract

This mastership dissertation is constituted in a historical investigation on the movement social denominated ecological movement, ecologist or still environmentalist. With this study it tried to define the origins of this movement, firstly in an international and later national scale, and, starting from this delimitation, to identify the aspects that influenced the articulations of the groups that started from the beginning of the decade of 70 and that were precursory of another initiatives of this load in the rest of country. The discoveries of these initiatives, organized in the form of social movement in clapsing of the last three decades, allowed several verifications on the performance and the benefits

¹ Dissertação defendida em 08/01/99 junto ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul, área de concentração: Tecno-Ambiental, que teve como orientador o Prof. Dr. Renato Paulo Saul.

² Doutorando no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

derives of the people's initiatives and entities that turned the state of Rio Grande do Sul a international, national and same reference for the pioneerism in relation on the environmental concerns and to the related attitudes the construction of the citizenship.

Este estudo abordou o movimento ecologista no Estado do Rio Grande do Sul que, no Brasil, foi um dos precursores, senão o precursor, deste movimento social que passou por diferentes fases em seu processo de consolidação. A época investigada compreende o fim da década de 60 e início da década de 70 até meados da década de 90.

Abordou-se, por se tratar de uma pesquisa histórica, fatos e acontecimentos que influenciaram ou contribuíram para a emergência histórico-social do movimento ecologista.

O Rio Grande do Sul, estado envolvido diretamente na pesquisa, ocupa a porção mais meridional do território brasileiro, faz fronteira com dois países da América do Sul, Argentina e Uruguai, tendo uma área territorial de 282.062 Km², possui, aproximadamente, 118 mil cursos d'água (mais que o estado do Amazonas) e a maior quantidade de lagoas costeiras do Brasil.

Possuía originalmente 35 a 40 % de sua área com cobertura vegetal nativa e, hoje, conta com aproximadamente 5,6 % de cobertura nativa e plantada, conforme dados do IBGE (1996). Este estado conta hoje com 467 municípios e, de acordo com o Cadastro Nacional de Instituições Ambientais, também chamado de "Ecolista", possui 14 organizações governamentais e 69 organizações não-governamentais em atuação. Deve-se considerar, no entanto, que várias dessas entidades listadas possuem caráter restrito de atuação e sua vinculação com a questão ambiental é superficial ou limitada a temas como proteção aos animais, proteção de florestas ou áreas específicas ou, ainda, atividades empresariais que desenvolvem trabalhos com questões ambientais.

O primeiro capítulo da dissertação descreve os procedimentos metodológicos que embasaram todo o percurso do estudo e as dificuldades encontradas.

O segundo capítulo aborda o marco teórico, considerando as diferentes concepções dos autores estudados sobre os temas da ecologia, enquanto área do conhecimento e também como movimento social, através de seu perfil histórico, das mutações da sociedade contemporânea e sobre o processo de globalização. Aborda também a literatura produzida nos últimos dois séculos sobre o tema estudado.

O terceiro capítulo aborda as origens das articulações sociais em torno da preservação do ambiente e da sobrevivência das espécies no mundo e mostra as influências destas atitudes na formação da consciência ecológica no Brasil.

O quarto capítulo aborda a trajetória histórica do movimento ecologista especificamente no estado do Rio Grande do Sul, suas influências, seus impasses e seus principais atores.

O quinto e último capítulo estabelece as considerações finais desenvolvidas pelo autor após a realização do estudo, suas limitações, bem como sugere novas possibilidades de abordagem do tema por pesquisadores que busquem caracterizar historicamente as iniciativas dos grupos sociais ligados ao tema ecológico em diferentes locais.

As fontes de consulta se constituíram em pesquisa bibliográfica, pesquisa documental através de material arquivado, depoimentos e entrevistas realizadas com pessoas que estiveram e/ou estão vinculadas às entidades ecologistas ou outras que incorporem a sua filosofia de pensamento.

Nas entrevistas foram escolhidas pessoas que tiveram inserção no movimento ecologista desde sua origem ou durante seu percurso histórico e que foram, em muitos casos, dirigentes ou assessores de várias entidades que foram citadas no decorrer do trabalho. Não houve um critério específico para definir os entrevistados, acataram-se sugestões de nomes que são ou foram referências na história do movimento no Rio Grande do Sul, indicados por pessoas que estão envolvidas diretamente com a organização do referido movimento e que permanecem morando na cidade de Porto Alegre (RS), onde tudo começou.

As entrevistas consistiram em seis questões básicas e foram aplicadas para seis pessoas, todas ligadas, de alguma forma, à questão ambiental e ao movimento ecologista no Rio Grande do Sul. As percepções dos entrevistados foram anotadas e perpassam o conteúdo desse estudo como forma de enriquecer a pesquisa através das informações e opiniões locais.

Pode-se considerar que o aspecto mais importante das entrevistas foi a vinculação do tema tratado nas mesmas com o aspecto problematizador da pesquisa, ou seja, como se constituiu a trajetória do movimento ecologista no Rio Grande do Sul entre os anos 70 e 90.

A pesquisa documental foi feita em acervos e arquivos particulares pertencentes a integrantes do movimento ambientalista no Rio Grande do Sul, que reúnem dados, informes de entidades ou associações e artigos publicados na imprensa desde o ano de 1969 e em diversos acervos públicos.

Cabe lembrar que o Rio Grande do Sul foi o estado precursor das preocupações ambientais no país, remontando, ao final da década de trinta, as primeiras articulações envolvendo a preocupação com a degradação ambiental. Talvez não com o caráter de movimento orgânico, pois eram atitudes isoladas de preocupação e defesa dos recursos naturais do estado, mas, segundo todos os participantes do movimento nos últimos 20 anos que foram ouvidos, essas atitudes desencadeadas na década de 30, por Henrique L. Roessler, e na década de 40, por Balduino Rambo, foram vitais para o desencadeamento do movimento ecologista organizado, que surgiu no final da década de 60 no estado.

A origem de todas essas manifestações se deu em plena época da consolidação do antagonismo leste/oeste e da guerra fria, que influenciou por muito tempo a atuação, os discursos e os planejamentos táticos e estratégicos dos representantes desses vários

movimentos que originaram-se das reivindicações pela liberdade e autonomia, em uma época de intensa efervescência cultural e política.

As manifestações ecologistas assumiram um caráter multidisciplinar pela sua abrangência e pela sua influência em diversos setores da sociedade (industrial, comercial, militar, escolar, estatal etc.) onde sua abordagem passou a ser praticamente necessária, tanto do ponto de vista científico e tecnológico como na esfera das políticas públicas e também no plano do senso comum.

Esse caráter multidisciplinar permitiu que, tanto o movimento ecologista quanto os setores ligados à ciência e à produção do conhecimento, buscassem uma abordagem e origem muito ampla, congregando diversos grupos sociais e inúmeras áreas do conhecimento sob o objetivo integrador do ecologismo.

No Brasil, as manifestações ambientalistas emergiram efetivamente entre o final da década de 60 e início da década de 70, através de algumas entidades ou associações que produziam campanhas de denúncia e conscientização popular restrita a um âmbito localizado. Na década de 70, podem-se observar algumas campanhas com abrangência regional, estadual e até mesmo nacional, como as polêmicas discussões sobre a construção da rodovia Transamazônica e das grandes hidrelétricas, principalmente Itaipu e Tucuruí.

José Antonio Lutzenberger, personagem importante do movimento ecologista brasileiro, foi diretamente influenciado por Balduino Rambo e quando volta a residir em Porto Alegre no início da década de 70, após vários anos de trabalho na Europa e África, encontra no Rio Grande do Sul um grupo de ecologistas dispersos, mas interessados em constituírem uma entidade organizada para reivindicar, denunciar e agir nas questões que envolvem o ambiente.

Lutzenberger, juntamente com essas pessoas que, em certo sentido, estavam desarticuladas por falta de alguma iniciativa que desse organicidade a esse tipo de demanda social, fundaram a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN), que iniciou a promoção de discussões, palestras, reuniões ampliadas e paralelamente passou a publicar boletins, folhetos, textos mimeografados e livros. A assembléia pública de fundação propriamente dita da entidade aconteceu no salão de atos do INPS (antiga sede do IAPI), na Avenida Borges de Medeiros, em Porto Alegre no dia 27 de abril de 1971. Nessa mesma época, 1971, também é fundado o núcleo de São Leopoldo da AGAPAN, a partir da entidade já existente na cidade que era a União Protetora da Natureza (UPN).

Foi definido como escopo principal da entidade (AGAPAN), a defesa dos ideais conservacionistas de Henrique L. Roessler, do Padre Balduino Rambo e de Antonio Teixeira Guerra e seus objetivos, priorizados pela sua linha de atuação, foram centrados no combate aos depredadores do ambiente natural em seus mais variados campos. Como patronos, a entidade teve, ainda, além dos três nomes anteriormente citados, Alberto Schweitzer.

Em 13 de março de 1964, acontece a fundação da Ação Democrática Feminina

Gaúcha (ADFG) uma entidade envolvida com programas de orientação para o trabalho voluntário, cursos sobre a realidade brasileira e atividades sócio-assistenciais, porém, ainda sem o caráter ecologista, o que irá acontecer alguns anos mais tarde.

A partir de 1974, a ADFG, uma entidade atuante do movimento social e da cidadania no Rio Grande do Sul, particularmente de Porto Alegre, instituiu seu setor de ecologia, quando passou a atuar paralelamente com a AGAPAN nas lutas por questões ambientais, ainda que de forma independente.

Em 26 de janeiro de 1978, é fundada a Cooperativa Ecológica Coolméia que, mesmo não sendo juridicamente uma entidade ambientalista, acabou se consolidando como experiência cooperativa no ramo da produção agrícola, entreposto, feiras e restaurante enfatizando sempre a oferta de produtos – tanto naturais como beneficiados – isentos de adubos químicos e, principalmente, de agrotóxicos.

A partir dos anos 80, o número de entidades cresce em progressão geométrica, passando de um número próximo a 40 em 1980 para 400 em 1985.

Segundo o Cadastro Nacional de Instituições Ambientais, de 1992, existiam, nesse ano, 1553 grupos e organizações ambientalistas no Brasil. Já na mesma publicação de 1996, o número de entidades e organizações baixou para 725.

Conforme os organizadores desse Cadastro, também chamado de “Ecolista”, esse decréscimo no número de entidades pode estar associado à mudança na metodologia do levantamento, que foi feito através de consultas e questionários às entidades, devendo, portanto, haver cautela em qualquer comparação entre ambas.

Até o ano de 1985, o ambientalismo brasileiro era oriundo de dois pólos, um vindo dos movimentos de base e o outro das agências ambientais do estado, por isso caracterizado como bissetorial. Seu espectro reivindicatório aponta para o controle da poluição rural e urbana e para a preservação dos ecossistemas naturais, principalmente os grandes ecossistemas do país (Floresta Amazônica, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal).

Com a disseminação das preocupações ambientais, em função da deterioração, para amplos setores da sociedade, o ambientalismo no Brasil se transforma num movimento multissetorial e complexo, sendo sua característica atual.

Após essa incursão na história e na evolução das preocupações com a vida, a sua qualidade e suas interfaces homem/natureza, pode-se chegar a diversas conclusões, ou pelo menos percepções. Algumas delas animadoras, do ponto de vista do futuro, outras mais obscuras, mas, sob todos os aspectos, é impossível desconsiderar a influência na sociedade desse movimento social que se articulou em torno da defesa da vida, do homem, do ambiente biológico e social e, em algumas das vertentes estudadas, das relações entre estas interfaces.

Nesse sentido, é inegável a contribuição do movimento ecologista internacional e nacional, de maneira geral, e o do Rio Grande do Sul, em particular, nos aspectos do avanço da consciência das pessoas em relação aos problemas ambientais e da sensibilização

das estruturas legislativas que incorporaram na formulação e normatização jurídica aspectos importantes para a preservação ambiental e da qualidade de vida. Possivelmente o grau de inconsciência e de destruição seria consideravelmente maior se esses grupos não estivessem atuando desde os anos 60 e 70.

É interessante que outra reflexão também seja feita, no sentido dos modelos de desenvolvimento adotados pelas esferas de decisão que hegemonizam as políticas públicas municipais, estaduais e nacionais. O processo de industrialização crescente, aliado ou capitaneado pela expansão da atividade econômica, disseminou-se e isso não promoveu um aumento proporcional nos índices de ocupação no trabalho e de qualidade de vida.

De certa forma, o movimento ecologista brasileiro, e também o do Rio Grande do Sul, continua "aprisionado" pelo modelo de desenvolvimento vigente (altos índices de desemprego, industrialização, instalação de empresas multinacionais e progressivo aumento da poluição) e por sua atuação como movimento reativo, de confrontação, agindo, muitas vezes, em busca de culpados para as coisas trágicas e apocalípticas que acontecem no mundo contemporâneo. Talvez, imobilizado pela dificuldade de inserção na cadeia social, no cotidiano das cidades e no imaginário das pessoas como uma postura de emancipação, de alteridade e de autonomia dos indivíduos que almejam uma sociedade mais feliz e menos desigual.

Os setores alinhados ao econômico e ao político, que foram abordados nesse estudo, continuarão, possivelmente, atuando na esfera dos valores materialistas, da competição, da competitividade e da globalização e, caso sobreponham sua atuação dentro do movimento ecologista de forma dominante, colocarão em risco toda a história e as conquistas desse movimento pois, nessa situação, o ecológico, o ambiental, o humanitário, o social e o lúdico serão apenas variáveis do mercado transformadas em elementos agregadores do lucro.

Como decorrência da trajetória desse estudo, pode-se constatar que houve mudanças, inclusive em alguns pontos de vista do autor com relação à história do movimento ecologista e, principalmente, em algumas concepções teóricas e na filosofia de vida, já que a amplitude e a complexidade do tema tratado permitiram reflexões profundas a respeito dos modelos de desenvolvimento, da política, da economia, da generosidade humana, da ética, do altruísmo e, fundamentalmente, de como todos esses temas e atitudes podem interferir, quando articulados, na qualidade de vida das pessoas e no futuro da sociedade. Este, talvez, tenha sido o principal motivador deste estudo.

Neste sentido, todo o esforço parece ser o de viabilizar essas situações de altruísmo, solidariedade, confluência nos objetivos e cooperação não só entre as pessoas, mas entre elas e a sociedade como um todo. Essas atitudes somente serão possíveis se os diversos setores desse ambientalismo multissetorial convergirem para uma dimensão pós-materialista da vida humana e da ecologia generalizada, buscando exercer o caráter transdisciplinar deste tema, nas suas raízes mais profundas, isto é, nas suas dimensões ética, social, estética e política.